

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANANDA MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS

**ENTRE O BRINCAR E O INTERAGIR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA
DOS BRINQUEDOS ENQUANTO MARCADORES DE GÊNERO**

DELMIRO GOUVEIA

2025

ANANDA MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS

ENTRE O BRINCAR E O INTERAGIR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DOS
BRINQUEDOS ENQUANTO MARCADORES DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial para
obtenção do certificado de conclusão de curso
de Licenciatura em Pedagogia, apresentado na
Universidade Federal de Alagoas - Campus
Sertão.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Regina
Nascimento dos Santos

DELMIRO GOUVEIA

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANANDA MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS

ENTRE O BRINCAR E O INTERAGIR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DOS BRINQUEDOS ENQUANTO MARCADORES DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Alagoas como
requisito à obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia.

Aprovado em:

25 / 04 / 2025

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MONICA REGINA NASCIMENTO DOS SANTOS**
Data: 26/04/2025 22:06:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Regina Nascimento dos Santos
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente
 **ANA CRISTINA CONCEICAO SANTOS**
Data: 27/04/2025 00:11:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º examinadora: Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos
Avaliadora interna (Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente
 **LAISE SOARES LIMA**
Data: 02/05/2025 18:54:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º examinadora: Profa. Dra. Laíse Soares Lima
Avaliadora interna (Universidade Federal de Alagoas)

Dedico este trabalho à minha família, amigos e a todos os profissionais da educação, em especial, os professores, que com compromisso transformam vidas e contribuem na construção de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos primeiramente a Deus, que durante o processo em meio a tantas dificuldades e insegurança, me deu força e coragem para continuar. Ao longo da graduação recebemos o apoio de várias pessoas, diante disso, agradeço a minha família, em especial meus pais, Lusimar Oliveira e Fernando Oliveira, aos meus irmãos Fernanda Luiza e Fernando Júnior que estiveram sempre ao meu lado e ofereceram ajuda sempre que precisei. O apoio do meu noivo Hugo Santos foi fundamental para chegar até aqui, por isso agradeço pela paciência, incentivo e acima de tudo por acreditar em mim sempre, em cada etapa dessa caminhada.

Sou imensamente grata também às amigas que construí durante a graduação, Janecleide Alcântara, Maria Crislaine e Khadija Xavier, obrigada por tornarem o processo mais leve. Um agradecimento especial à Elaine Barbosa e Maria da Glória, que mesmo diante de tantas dificuldades, insegurança, e ansiedade, permaneceram firmes ao meu lado, lembrando-me sempre que daria certo.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação, com muito carinho, à minha orientadora Profa. Dra. Mônica Santos, na qual, foi muito importante para a conclusão do meu curso, em cada orientação com seus ensinamentos e palavras de ânimo para incentivar-me e na maioria das vezes acreditou mais em mim do que eu mesma.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social (GENIR) e ao Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano (NUDES), obrigada pela riqueza de informações que contribuiu na minha formação e no desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para conclusão desta etapa da minha formação.

São muitos os "Joanos" e "Pedras": meninos que têm vontade de brincar de cozinhar na casinha, brincar com boneca, brincar de salão de beleza e meninas que têm vontade de subir em árvores, jogar futebol e brincar com espada e carrinho.
(Daniela Finco)

ENTRE O BRINCAR E O INTERAGIR: um estudo bibliográfico acerca dos brinquedos enquanto marcadores de gênero

Resumo: Este trabalho propõe analisar como os brinquedos se tornaram objetos identitários e marcadores de gênero. Para isso se faz necessário, uma visita à trajetória pela ideia que se tem de brinquedo. Utilizamos o gênero enquanto categoria analítica, além de uma abordagem qualitativa para dar forma a esta pesquisa de cunho bibliográfico. Utilizamos autores e autoras como Louro (1997), Minayo (2002), Brougère (2010) e Kishimoto (2011). Através do diálogo entre este aporte teórico e por conseguinte a análise bibliográfica, observamos como manusear um brinquedo, acaba por ser um “molde” para a criança, o que estabelece no seu imaginário um modelo e assim perpetua comportamentos, autoriza significações, evidenciando para a mesma que apenas aquele “projeto de mundo” é adequado ao seu gênero.

Palavras-chave: brinquedo. gênero. crianças. brincar.

Resumen: Este trabajo propone analizar cómo los juguetes se convirtieron en objetos de identidad y marcadores de género. Para ello es necesario echar un vistazo a la trayectoria de la idea que uno tiene de un juguete. Utilizamos el género como categoría analítica, además de un enfoque cualitativo para dar forma a esta investigación bibliográfica. Utilizamos autores como Louro (1997), Minayo (2002), Brougère (2010) y Kishimoto (2011). A través del diálogo entre este aporte teórico y consecuentemente el análisis bibliográfico, observamos cómo la manipulación de un juguete termina siendo un “molde” para el niño, que establece un modelo en su imaginario y así perpetúa conductas, autoriza significados, mostrándole que sólo ese “proyecto de mundo” es apropiado para su género.

Palabras clave: juguete. género. niños. jugar.

Abstract

This paper aims to analyze how toys have become objects of identity and markers of gender. To do so, it is necessary to revisit the trajectory of the idea that toys are. We use gender as an analytical category, in addition to a qualitative approach to shape this bibliographical research. We use authors such as Louro (1997), Minayo (2002), Brougère (2010) and Kishimoto (2011). Through the dialogue between this theoretical contribution and, consequently, the bibliographical analysis, we observe how handling a toy ends up being a “mold” for the child, which establishes a model in their imagination and thus perpetuates behaviors, authorizes meanings, showing them that only that “world project” is appropriate for their gender.

Keywords: toy, gender, children.

1 INTRODUÇÃO

A importância do brinquedo na formação da criança é significativa em diversos aspectos, seja na educação, no sentido de desenvolvimento cognitivo, afetivo, ou ainda quanto ao crescimento físico e social. Os brinquedos, desde sua fabricação, já incorporam uma ideia predefinida de gênero, influenciando diretamente o pensamento e comportamento das crianças.

Assim, é necessário ressaltar como tais produtos estão impregnados de relações de poder desde sua concepção, passando pela confecção e uso, perpetuando diferenças, funções e/ou significados que são atribuídos a uma noção de masculinidade e feminilidade que seriam ideais e por conseguinte, dominantes e únicas. Através deste processo, ocorre o estabelecimento de regras sociais quanto à forma como homens e mulheres devem agir, a partir de sua manipulação.

Este estudo, então, chama a atenção para este fenômeno social, refletindo sobre a importância deste debate entre os profissionais da educação, considerando as dimensões ética, estética, política e técnica da educação e construção do conhecimento.

O interesse pela temática se deu no início do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas- *Campus* Sertão, e especificamente no 5º período em 2023, na disciplina ‘Pesquisa Educacional’ e a *posteriori*, realizamos um estudo no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Igualdade e Reprodução Social (GENIR), que faz parte do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano (NUDES). Esse debate é fundamental quando se trata da formação de profissionais da Educação Básica, sobretudo, àqueles que se dedicam à Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como os brinquedos se tornaram objetos identitários e marcadores de gênero, o qual se desdobra na necessidade de refletir acerca da produção de estereótipos presentes no uso dos brinquedos. Além disso, nos preocupamos em verificar a importância dos brinquedos na formação de valores, identidade e comportamento das crianças, assim como o desenvolvimento dos papéis de gênero.

O estudo acerca da temática mencionada é relevante para compreender e questionar as dinâmicas sociais, bem como dentro da formação do/da pedagogo/ga é necessário a compreensão dos estereótipos que são construídos e cristalizados na produção dos brinquedos e quais os impactos no desenvolvimento das crianças. Como são objetos bem presentes na infância, além disso, utilizados de maneira enfática na educação infantil, estudar sobre este

tema auxilia no entendimento de como essas influências podem afetar a construção da identidade de gênero das crianças.

Sendo assim, apontamos que existe ainda uma lacuna quanto a tal discussão no campo de estudo da Pedagogia, especificamente quanto aos Trabalhos de Conclusão de Curso publicados no repositório da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, o que torna esse tema inédito no referido espaço. Constatamos assim que as discussões presentes são iniciais, o que configura a necessidade de uma ampliação, já que se trata de um período de constituição da criança enquanto indivíduo e “ser” social.

Através de uma breve análise, constatamos que as crianças mesmo antes do nascimento já são esperadas pelos familiares com uma expectativa de serem educadas e cuidadas de modo a atender um padrão estabelecido de expressão de gênero, a partir do qual são identificados como meninos e meninas.

Percebemos como os brinquedos constroem distintas atribuições e papéis, por exemplo, os brinquedos femininos evocam de maneira “assertiva” o universo do “lar”, exercer tarefas do âmbito familiar, trabalhos domésticos, o cuidado com as crianças, ou seja, atribuição de ser gentil, dócil e suscetíveis a estar submetida ao marido.

Em oposição, os brinquedos masculinos evocam desde cedo um caráter de autoridade e independência, visto que as suas funções são executadas fora do lar, os carrinhos, por exemplo, transmitem a representação de autonomia, liberdade e aventura, sendo permitido ao menino as experiências em locais abertos que extrapolam os limites do lar, enquanto a menina está associada ao recato e a preservação, cuidando das bonecas (filhos/as), geralmente sozinha com tal função.

2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa constitui-se em uma investigação de abordagem qualitativa, acerca da relação entre brinquedos e gênero, fundamentada em autores como, Louro (1997) discutindo o gênero como uma categoria sócio analítica e Brougère (2010) nas reflexões sobre o brinquedo como um código cultural manipulável que merece atenção desde o seu processo de produção e uso, entre outros autores que norteiam a investigação sobre o objeto em estudo e do aporte teórico sobre a pesquisa de revisão bibliográfica tais como em Minayo (2002) e Lakatos e Marconi (2001).

Neste sentido, iniciamos a busca por referências sobre o brinquedo e/ou a relação entre brinquedo e gênero. Com isso, propomos o seguinte questionamento: Como os estereótipos de

gênero presentes em determinados brinquedos influenciam a construção da identidade das crianças?

Para chegarmos às respostas aos questionamentos propostos neste trabalho, tivemos como um dos “caminhos” no fazer metodológico o gênero enquanto categoria analítica, ancorados nos estudos de Guacira Lopes Louro. Inicialmente analisamos a produção de livros e artigos acerca da temática discutida, tratando-se de brinquedos como objetos identitários e como marcadores de identidade de gênero, percebendo nas publicações como é conceituado o brinquedo e qual sua relação com a construção da identidade de gênero na vida das crianças.

A revisão bibliográfica foi essencial para a inserção no universo da temática e embasar as análises realizadas, pois ela, segundo Lakatos e Marconi (2001):

[...] abrange toda bibliografia já tornado pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc, [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (Lakatos; Marconi, 2001, p.183).

Conforme as autoras expõem, este tipo de pesquisa evidencia a busca literária e documental sobre determinada temática, permitindo que o pesquisador, no caso aqui em formação, conheça os “caminhos” que irá ou não, reunindo informações e investigando o que deseja. Realizar esta pesquisa bibliográfica possibilitou avaliar quais estudos foram feitos acerca da temática escolhida, como também auxiliou na percepção de ausência de discussão na UFAL.

O levantamento realizado evidenciou que existe ainda uma lacuna quanto a essa discussão, tendo em vista que através de verificação no repositório da Universidade Federal de Alagoas, em específico no Curso de Pedagogia, os Trabalhos de Conclusão de Curso apresentados nos *campi* do Sertão em Delmiro Gouveia e no Aristóteles Calazans Simões em Maceió. Vale destacar que a busca foi realizada a partir dos títulos e resumos que possuem relação com ludicidade, averiguando assim quais trabalhos discutiam especificamente “o brinquedo”.

Desse modo, constatamos a seguinte situação:

TCCs SOBRE BRINQUEDO E/OU BRINQUEDO E GÊNERO - 2015 a 2024

RECORTE ESPACIAL	<i>Campus Sertão</i>	<i>Campus A. C. Simões</i>
QUANTITATIVOS	205 - 20	185 - 19
Universo/registo		

RECORTE TEMÁTICO	Importância dos jogos e brincadeiras para o aprendizado/ gênero e brincadeiras	Jogos, brincadeiras e ludicidade/ o brincar como uma forma de aprendizado/ jogos digitais
------------------	--	---

Fonte: Santos; Santos (2025).

Neste sentido, observa-se que no *Campus* do Sertão, existem 205 (duzentos e cinco) Trabalhos de Conclusão de Curso, entre os anos de 2018 e 2024, sendo que 20 (vinte) deles abordam a temática no que se refere a importância dos jogos, brincadeiras e o brincar como uma maneira de aprendizado. Nota-se que 1 (um) trabalho utiliza brincadeira e gênero como categoria de análise¹ na escola, e mais 1 (um) que aborda as relações de gênero na educação infantil² porém, nenhum que analisa especificamente o brinquedo como objeto.

Já no Centro de Educação-CEDU do *Campus* Aristóteles Calazans Simões, com a mesma organização de busca anteriormente citada, entre os anos de 2015 e 2024, localizamos 185 (cento e oitenta e cinco trabalhos), especificamente 19 (dezenove) envolvem assuntos referentes a jogos, brincadeiras e ludicidade e o brincar como uma forma de aprendizado para os desenvolvimentos das crianças.

Em relação ao *Campus* do Sertão percebemos o diferencial de trabalhos. Notamos uma abordagem de discussão sobre gamificação e jogos digitais no *Campus* A.C. Simões, embora, é necessário destacar que observamos ainda a ausência de estudos específicos acerca do brinquedo utilizando o gênero enquanto categoria analítica, ou ainda de uma abordagem simples relacionando as duas áreas de estudo.

Vale destacar que através de uma pesquisa bibliográfica é possível fornecer as bases teóricas para embasar o estudo sobre os brinquedos, auxiliando na compreensão dos conceitos e teorias sobre o tema para estruturar de forma sólida a fundamentação teórica, pois permite que o/a pesquisador/a identifique instrumentos de coletas de dados já validados, garantindo a confiabilidade e validade dos instrumentos.

¹LIMA, Aline Dias dos Santos. **Gênero e brincadeira em cena na escola**. 2019. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020. Disponível em <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6562> . Acesso em 04 de mar. 2025

² LIMA, Tatielly Ohana Ramalho Caraciolo. **As relações de gênero na educação infantil: vivências do estágio em educação infantil em uma escola municipal de Paulo Afonso**. 38 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2024. Disponível em <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/15184> . Acesso em 04 de mar. 2025

Os resultados de uma pesquisa exploratória tendem a ser descritivos e não conclusivos. Ao explorar um tema pouco conhecido, é possível que aos poucos novas perguntas, hipóteses ou direções de pesquisa para estudos futuros, que pode servir como base para pesquisas subsequentes, fornecendo um entendimento inicial do tema, identificando lacunas no conhecimento existente e gerando informações que podem orientar estudos mais aprofundados. Tomando como ponto de partida o objetivo deste estudo, adotamos a abordagem qualitativa, ancorado nosso trabalho em Minayo (2002), a autora enfatiza que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p.21-22).

A partir do apontamento acima da autora, entendemos que a pesquisa qualitativa consiste em analisar o que está implícito, ou seja, o que está “escondido”, as informações nas entrelinhas, e explorando a subjetividade da fonte escolhida, conforme ainda Minayo ressalta, trata-se de uma abordagem escolhida para perceber especificamente questões e temas específicos.

Através da combinação entre a análise bibliográfica com uma abordagem qualitativa, é possível explorar em profundidade um tópico específico e obter uma compreensão rica e contextualizada do fenômeno em estudo. Essa metodologia permite a construção de argumentos embasados teoricamente, oferecendo subsídios para a formulação de hipóteses, o desenvolvimento de conceitos e assim oportunizar a produção de novos conhecimentos.

3 O QUE É BRINQUEDO?

O brinquedo faz parte do cotidiano das crianças desde o seu nascimento, entretanto, muitas vezes é associado aos jogos, visto que eles oferecem diversão e entretenimento para as crianças, como diversos brinquedos estão presentes na utilização de jogos, as pessoas relacionam os dois conceitos, o que perfaz uma só representação.

Sobre isso, Kishimoto (2011) evidencia como no Brasil, por exemplo, termos como brincadeira, jogo e brinquedo seriam designados de maneira incerta, sem uma coesão, o que configura um nível ainda carente e deficitário referente a conceituação deste âmbito. Através dos estudos de Brougère (2010) e Kishimoto (2011), temos uma convergência quanto a definição do brinquedo como objeto marcado pela multifuncionalidade e espontaneidade, com

ausência de um sistema de regras e que não impõe limites na ação das crianças ao manipular os objetos, permitindo usar a imaginação.

Gilles Brougère (2010, p. 13) descreve o brinquedo como “um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou aos princípios de utilização de outra natureza”. O autor explica a possibilidade de definir o brinquedo a partir de dois modos distintos, em relação à brincadeira e à representação social. Quanto a primeira forma de definição é explicitada que:

[...] o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, uma sucata, efêmera que só tenha valor para o tempo da brincadeira, um objeto adaptado. Tudo, nesse sentido, pode se tornar um brinquedo e o sentido de objeto lúdico só lhe é dado por aquele que brinca enquanto a brincadeira perdura (Brougère, 2010, p.67).

Deste modo, concluímos que o brinquedo não se trata de um objeto produzido somente para o “brincar”. Este objeto assume uma posição versátil, e que varia de acordo com sua utilização, seja ele confeccionado em uma indústria ou improvisado pela criança e sua imaginação, tendo como aproveitamento muitas vezes materiais que os adultos julgam não possuir mais utilidade alguma, por exemplo, as crianças adoram brincar com embalagens de produtos e caixas de papelão simulando carros e casinhas, transformando em brinquedos.

Com isso, percebemos que nesse aspecto o significado de ser um brinquedo é atribuído pelo indivíduo no seu ato de brincar, envolvendo sua criatividade no processo de que qualquer objeto pode se tornar brinquedo, sendo utilizado de forma lúdica, oportunizando as crianças explorarem o mundo e criando sua própria diversão.

Outro modo de se definir brinquedo se dá pela representação social, “[...] o brinquedo é um objeto industrial ou artesanal, reconhecido como tal pelo consumidor em potencial, em função de traços intrínsecos (aspecto, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social da distribuição dos objetos. (Brougère, 2010.p. 67)”.

Considerando o que o autor explica, o brinquedo tem sua diversidade na produção, incluindo diferentes materiais e estilos pelo processo industrial ou artesanal. O reconhecimento do brinquedo pelo consumidor é feito de diferentes formas, como pela sua aparência, *design* e textura, como também pela sua função, sendo definido o objeto a partir de como pretende ser usado, seja para entretenimento ou educação.

Por conseguinte, é necessário frisar como o objeto é reconhecido por meio de marcadores como: fatores sociais, idade, gênero e classe socioeconômica, influenciando as preferências individuais em relação ao produto disponível no mercado. Kishimoto define o brinquedo “Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma

indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização.” (Kishimoto, 2011, p. 20)

Desse modo, através da citação acima, a autora nos revela um aspecto importante da relação construída entre a criança e o brinquedo, baseada na proximidade e nos sentidos constitutivos de sua usabilidade, pois as crianças ao longo da infância possuem seus brinquedos preferidos seja um/a boneco/a, carrinho, pelúcia ou outro objeto que transcende a função de somente interagir eventualmente em uma brincadeira. A criança fomenta laços emocionais e afetivos com o brinquedo, tornando-o companheiro em todas as horas.

Sobre o brinquedo e sua funcionalidade, é possível destacar que não existiria uma atribuição específica, desse modo, nos permite vislumbrar inúmeras maneiras de brincar, e por sua vez, concedendo a anuência para que a imaginação possa ocasionar a diversão às crianças. Além disso, de acordo com Brougère, não é possível definir o brinquedo através de um regulamento, não existem formas corretas ou equivocadas de brincar.

Os brinquedos acabam por se tornar utensílios imprescindíveis no cotidiano infantil, além do que, beneficiam o processo de aprendizagem e criatividade, e finalmente com a diversão.

os brinquedos em seu contexto de ludicidade que se caracteriza como ferramenta de diversão, na qual a criança entra no mundo imaginário, é essencial para o desenvolvimento do cognitivo e emocional, explorando diferentes papéis e emoções, fazendo qualquer objeto virar brinquedo, criando diferentes narrativas, com uma autonomia para formar seu próprio jeito de brincar, sem regras específicas ou objetivos preestabelecidos para manipular determinado objeto, com a liberdade que auxilia no desenvolvimento da autonomia e resolução de problemas (Santos; Santos, 2024, p. 03).

Ainda sobre o processo de interação entre criança e brinquedo, o qual muitas vezes é subestimado pela maioria, faz-se necessário destacar como a partir disto, temos um “brincar” diferente sendo configurado, além da gestação de várias histórias e “mundos” próprios, e ainda auxiliando no processo de entendimento de como funciona o universo ao seu redor, o brincar, sendo idealizado como uma antessala da vida “real”,

Assim, fica claro a distinção teórica que é apresentada neste item, uma vez que Brougère bebe na sociocultura e direciona suas análises para o entendimento de como se trata a significação de cada brinquedo para seu público-alvo, ou seja: as crianças. Já Kishimoto, apresenta uma inquietação voltada ao pedagógico, suas preocupações estão em torno do modo como o brinquedo é utilizado, no sentido aqui de ferramenta educativa, e que de acordo com a autora oportuniza o desenvolvimento das crianças.

Ainda assim, com as distinções entre os pensamentos, é possível notar a maneira que se complementam, existe uma conformidade em que os brinquedos não deveriam ser

marcados por regras, coincidem ainda que tais objetos funcionam como artefatos culturais, qualificados então para ensinar as crianças, normas, visão de mundo, uma forma de se comportar na sociedade.

Por fim, cabe elucidar como os autores reconhecem o atributo que foi dado aos brinquedos ao longo do tempo para viabilizar a aprendizagem e como facilitador da interação social. Para isto, é necessário não somente discutir tal reconhecimento, mas também realizar um balanço histórico e prudente acerca da construção da noção de brinquedo e como ela se constituiu.

3.1 Quando a noção de *brinquedo* surge?

Atzingen (2001) esclarece que a história do brinquedo é tão antiga quanto a história do homem, ou seja, trata-se de um momento longínquo e que não é possível ser definido precisamente. A autora salienta que a maioria dos brinquedos que se tem na contemporaneidade, trata-se de modelos que tem sua constituição em civilizações antigas e a maioria deles acaba por sobreviver quase que de forma imutável até hoje.

A partir do que é exposto pela autora, é possível refletir acerca da ligação entre a história do brinquedo e a constituição da humanidade, na qual tais objetos já estavam presentes no cotidiano das crianças em diversos lugares como Egito, Grécia, Roma, África, Alemanha e vários outros.

Destacamos que há brinquedos utilizados na contemporaneidade, em que sua origem não é associada à diversão. Atzingen (2001) explica a possibilidade de as bonecas em uma forma inicial de barro, tendo sido criadas pelos *Homo sapiens* há 40 mil anos, na África e na Ásia para serem utilizadas em rituais. A partir disso, percebemos que os brinquedos vão se transformando e sua constituição vem do mundo adulto, e não como algo criado exclusivamente para o mundo infantil.

Como exemplo válido podemos destacar como as bonecas eram veneradas inicialmente como ídolos, passando a ser utilizadas como brinquedos possivelmente há cerca de 5 mil anos no Egito, esta informação foi baseada nos achados arqueológicos em túmulos egípcio, na qual foram encontradas bonecas feitas de madeira junto às crianças.

Outro exemplo é o estilingue, ainda segundo Atzingen (2001), no período neolítico entre 8 mil e 4 mil a.C. já era utilizado para lançar bolas de argila e pedrinhas. O objeto, em sua concepção moderna, chegou no Brasil através dos portugueses que trouxeram da Índia e posteriormente começou a fazer parte das brincadeiras das crianças.

De acordo com Benjamin (1984), muitos dos mais antigos brinquedos (a bola, o papagaio, o arco, a roda de penas) foram de certa forma impostos às crianças como objetos de culto e somente mais tarde, devido à força de imaginação das crianças, transformados em brinquedos.

Além disso, outra concepção que se tem é que a fabricação especializada de brinquedos partiu efetivamente da necessidade de se produzir objetos de arte menores que pudessem ser utilizados na decoração interna das casas. Todavia, os brinquedos, inicialmente minúsculos, com o tempo ganharam tamanho e foram perdendo, por consequência, seu caráter “discreto, minúsculo e agradável” (Benjamin, 1984, p. 68).

Sobre o comércio de brinquedos e tal atividade como profissão, este processo ocorreu aos poucos e no final de um arriscado período da especialização comercial. Nota-se que seus precursores são tanto os vendedores de artigos de marcenaria, quanto os que comercializam ferragens, papéis e enfeites.

Ainda em Benjamin (1984), é possível constatar que muitos dos belos brinquedos que enfeitam vários museus pelo mundo se originam na Alemanha, com destaque para as bonecas, os soldadinhos de chumbo vindos de Nuremberg e a mais antiga casa de bonecas vindo de Munique. Ele acrescenta que:

“Todavia, tais brinquedos não foram em seus primórdios invenções de fabricantes especializados; eles nasceram sobretudo nas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho etc. Antes do século XIX a produção de brinquedos não era função de uma única indústria (Benjamin, 1984, p.67).”

Observamos que diferentemente da contemporaneidade, no passado os brinquedos eram fabricados pelos artesãos nas oficinas. Essa produção era carregada de atenção aos detalhes, havia uma preocupação de cada brinquedo obter sua singularidade resultando em obras de arte carregadas de valor cultural e emocional. Enquanto na contemporaneidade a produção em massa das indústrias estão concentradas na eficiência e na economia, com prioridade de quantidade em oposição a singularidade.

Apesar dos brinquedos contemporâneos possuírem diversidade em seu *design*, muitas vezes perdem a sua individualidade que tornava o brinquedo mais especial, resultando em objetos iguais com prioridade de consumo em larga escala.

Por fim, conforme Benjamin (1984) destaca, a partir do século XVIII a produção dos brinquedos ocorreu de maneira especializada, na qual as indústrias enfrentam obstáculos, o que limitou a autonomia dos artesãos, estes por sua vez, eram obrigados a dividir as etapas de confecção dos produtos, esse processo aumentou significativamente o custo dos brinquedos.

Assim, é importante destacar que antes do século XIX prevalecia uma abordagem artesanal, o que configurava segundo Benjamin (1984) uma qualidade única, posteriormente temos uma produção em massa que focava na maximização do lucro, o que nos remete a considerar a perda da característica singular dos brinquedos. É neste momento ainda que temos uma acentuada decadência, os brinquedos se tornam maiores e aos poucos vão perdendo o elemento discreto, ligado ao sonho e a fantasia.

3.2 O brinquedo enquanto instrumento de mecanismo social

Através das reflexões até aqui estabelecidas, observamos como os brinquedos foram se modificando quanto a sua função, uma vez que não apenas se tinha a incumbência de entreter as crianças, estes acabam por se tornar um mecanismo social, que por sua vez, tem como finalidade influenciar e transmitir normas sociais do lugar em que as crianças estão inseridas.

Walter Benjamin (1984, p.14) esclarece que “De uma maneira geral, os brinquedos documentam como os adultos se colocam com relação ao mundo da criança”. Como podemos observar na afirmação do autor, a escolha de qual brinquedo oferecer para as crianças está interligada a compreensão do mundo dos adultos que as cercam, bem como o que eles julgam serem os mais adequados para proporcionar diversão e aprendizado para as crianças.

Neste sentido, Benjamin ajuda a esclarecer que os objetos escolhidos para o divertimento das crianças são pensados, fabricados e escolhidos levando em consideração a visão social dos adultos sobre quais são as necessidades para a faixa etária da criança, com a finalidade de influenciar no desenvolvimento delas.

Brougère (2010) aponta que:

O brinquedo parece afastado da reprodução do mundo real constantemente evocado por ele. É um universo espelhado que, longe de reproduzir, produz, por modificação, transformações imaginárias. A criança não se encontra diante de uma reprodução fiel do mundo real, mas sim de uma imagem cultural que lhe é particularmente destinada. Antes mesmo da manipulação lúdica, descobrimos objetos culturais e sociais portadores de significações. Portanto, manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade (Brougère, 2010, p.45).

O autor expõe uma análise sobre a natureza do brinquedo e o seu impacto na vida das crianças. Ele nos leva a compreender que o objeto não é simplesmente uma reprodução fiel do mundo real, mas se caracteriza como um universo espelhado que a criança produz e explora sua imaginação.

Notamos que ao interagir com o brinquedo, a criança, não está somente se divertindo, mas também está internalizando o que é transmitido por este objeto, como normas e valores da sociedade que vive e contribui para a formação de sua identidade. Diante disso, o brinquedo pode ser reconhecido como item fundamental na socialização das crianças, uma vez que acaba por se tornar um dispositivo cultural, por conta de estar carregado de significados e representações.

Compreendemos que o sentido do brinquedo passa por mudanças ao longo do tempo. Garon (1998) explica o que esses objetos se tornaram na sociedade:

O objeto lúdico, como qualquer outro de produção comercial, tornou-se uma fonte de consumo, de supervalorização, de exploração e de interrogação. Os inventores e os fabricantes dos objetos lúdicos sucedem-se a uma velocidade vertiginosa, cada um deles pretendendo possuir o brinquedo ideal e apregoando os méritos das suas últimas criações (Garon, 1998, p.172).

A autora nos ajuda a entender a realidade contemporânea, na qual a sociedade determinada pelo modo de produção capitalista, acaba por vivenciar uma cultura que se direciona ao consumismo, o que deságua no universo dos brinquedos, tornando-os produtos cada vez mais desejados pelas crianças. As empresas de brinquedo fabricam em larga escala e utilizam o *marketing* direcionado para as crianças e os pais. Esta estratégia resulta em uma disputa entre elas, para estimular o desejo de adquirir seus produtos, principalmente os últimos lançamentos, promovendo a ideia que é fundamental para o desenvolvimento e diversão da criança, intensificando as vendas.

Em relação à cultura do consumo excessivo, é importante ressaltar a crescente importância atribuída ao brinquedo em oposição às brincadeiras. Notamos que as crianças de classes sociais favorecidas possuem muitos brinquedos, entretanto, nem sempre os utilizam nas brincadeiras, priorizando somente a coleção e posse dos itens mais recentes. Por outro lado, as crianças nascidas em famílias menos favorecidas possuem poucos brinquedos, muitos deles fruto de doações ou criados com materiais recicláveis pelas próprias crianças que exploram o que têm e utilizam sua criatividade e imaginação.

Consideramos que as indústrias capitalistas possuem um foco nas vendas e obtenção de lucros e ignoram as necessidades reais dos consumidores, secundarizando as necessidades humanas. Diante disso, destacamos que os brinquedos entram na lógica de mercado da obsolescência programada, como objetos com sua vida útil determinada, incentivando a ideia de necessidade de comprar novos brinquedos, estimulando a produção em massa

Packard (1965), define a obsolescência programada em três categorias: função, qualidade e desejabilidade. Destacamos a obsolescência de desejabilidade, caracterizada pela

lógica de um produto que funciona e tem boa qualidade, porém não é mais atraente para o consumidor, pelo motivo de haver outro modelo de outro estilo ou aprimorado. Outra categoria é a obsolescência de qualidade definida pela vida útil limitada, ou seja, sua duração tem um curto prazo, para provocar a compra de outros produtos que substituam o anterior.

Desse modo, as indústrias do brinquedo estão sempre lançando novos produtos com pequenas mudanças, para criar a sensação de novidade e assim ser desejado pelas crianças e pressionar os pais a comprarem. Vários brinquedos são fabricados com materiais não duráveis ou programados para funcionar em tempo limitado, como estratégia para comprar novos produtos. Esta prática de obsolescência programada nos brinquedos tem um impacto na intensificação do consumo e desperdício, assim como influencia a percepção das crianças para os artefatos, como produtos descartáveis, que logo se tornam obsoletos. Isto acaba substituindo a brincadeira e ludicidade com o fato de acumular os brinquedos em vez de explorar os que possuem.

Como afirma Kishimoto (2011, p. 21) “O fabricante ou sujeito que constrói brinquedos neles introduzem imagens que variam de acordo com a sua cultura. Cada cultura tem maneiras de ver a criança de tratar e educar”. Essa declaração da autora é relevante para entender como as imagens presentes nos brinquedos, variam de acordo com a cultura desde o processo de fabricação, como também contribui na compreensão de como são utilizados na educação e desenvolvimento infantil.

No decorrer da produção dos brinquedos, vários deles são pensados e desenvolvidos com o objetivo de transmitir para as crianças alguns comportamentos de forma sutil, como também a transmissão de valores sociais e crenças da sociedade, na qual as crianças estão inseridas. Além disso, a cultura local onde as crianças residem impactam as formas de brincar, visto que se uma cultura trata as crianças de maneira a inferiorizá-las os brinquedos são utilizados como ferramentas de controle, impondo regras sobre as crianças.

Por outro lado, culturas que buscam potencializar a infância, valorizando esse momento da vida do ser humano, os brinquedos passam a ter potencial estimulando a progressão das habilidades e o desenvolvimento de conhecimentos, oportunizando um crescimento saudável e aguçando a criatividade das crianças.

Com o processo de criação e fabricação dos brinquedos, temos o desenvolvimento de inúmeras habilidades, destacando coordenação motora, criatividade e competitividade. Contudo, em diversas vezes temos uma influência dos interesses comerciais, visando potencializar as vendas e o lucro.

Por isso, deve-se questionar as intenções dos fabricantes em relação aos comportamentos desejados, no caso se ela coincide com a visão de pais e cuidadores, visto que, enquanto eles objetivam brinquedos que possam contribuir na diversão, aprendizado e desenvolvimento saudável, os produtores se preocupam em cada vez mais tornar atrativo, utilizando personagens da mídia para vender sempre mais.

A pesquisadora brasileira Isabel Bujes, também analisa o brinquedo como um objeto artefato que traz representações:

Se o imaginário é concebido como o domínio das imagens, das fantasias e das identificações e está implicado de forma visceral na constituição da subjetividade, se é no terreno da linguagem e da cultura que ocorre o processo que institui o sujeito, não se pode negar que as práticas culturais associadas ao brinquedo não têm nada de gratuitas e que precisamos nos tornar mais atentos aos seus interesses e compromissos (Bujes, 2000, p. 227).

A autora evidencia o imaginário na vida da criança, no qual, é relevante para criação de imagens, exploração de fantasias, identificação com ideias e personagens que preferem. Toda essa experiência é pertinente para formar a subjetividade, que influencia como as pessoas se veem, constroem seus sonhos e interpretam o mundo ao seu redor.

Neste aspecto, refletimos que a formação do sujeito como indivíduo singular ocorre pelo contexto linguístico, atuando como canal de comunicação, em que através das narrativas e símbolos, se torna fundamental na transmissão de valores. Acontece também pelo contexto cultural que inclui tradições, crenças, objetos e outros aspectos presentes nas práticas culturais relacionadas ao brinquedo.

Dessa forma, é importante destacar que essas práticas culturais não são neutras, pois refletem interesses específicos de uma cultura. Em cada brinquedo há elementos culturais que influenciam as crianças. É essencial, como aponta Bujes, nos atentar aos interesses e compromissos presentes nos objetos, essa observação destacada nos leva a necessidade de questionar quais valores estão sendo propagados e quais ideologias estão sendo reforçados através dos brinquedos.

4 O BRINQUEDO ENQUANTO REFORÇADOR DE PAPÉIS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Antes do nascimento da criança, a família, bem como todos e todas que a cercam possuem expectativas sobre o sexo do bebê. A partir do momento em que se descobre, já começam a preparar o enxoval, dividindo os itens entre “masculinos” e “femininos”. Isso

inclui roupas, acessórios, decoração do quarto e brinquedos. Podemos constatar a partir de Moreno:

A partir do momento em que nascemos, começamos a receber essa influência social que condicionará nossa maneira de ver e de estar no mundo. Com a linguagem, aprendemos a primeira forma de dividir nosso universo em categorias. As palavras denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento (Moreno, 1999, p. 14).

Em face disso, é necessário pontuar que em relação às crianças, elas não nascem com a habilidade de designar objetos ou acessórios que seriam especificamente “coisa de menino” ou “coisa de menina”. Contudo, a sociedade passa a construir e ensinar tais “organizações” para a criança, ao passo que outros espaços e segmentos também se encarregam de fomentar estes paradigmas.

Nesse sentido, conforme Louro (1997) atesta, é indispensável desmistificar que não são necessariamente as chamadas particularidades sexuais, e sim a maneira como elas são assim representadas ou valorizadas, além do que vai ser construído acerca destas qualidades. De fato, as noções do que é feminino ou masculino em um determinado contexto social, são construídas em um momento histórico específico.

Portanto, o que temos de acordo com a ideia acima são proposições essencialistas quando se refere ao gênero, tendo em vista que é necessário atentar então para a construção, o processo, e não para algo que já estaria construído ou pronto ao nascer. Assim como Louro (1997) ressalta, é crucial refletir de modo plural, acentuando que a construção de representações acerca de modos de ser “masculino” e “feminino” são diversas.

As concepções de gênero diferem não somente entre sociedades distintas ou recortes históricos, e sim a partir da consideração de inúmeros grupos, sejam eles religiosos, étnicos, de classe e raciais, que assim a constituem. “Gênero é uma construção social, ligada às expressões de feminilidade e masculinidade, as quais não se restringem ao binarismo homem e mulher” (Santos; Lima; Araújo, 2022, p. 03), no âmbito da educação isto implica assumir que todas estas expressões, “são formas legítimas de ser e existir no mundo, e precisam ser contempladas no currículo escolar” (idem, p. 04), a despeito dos apagamentos presentes no texto final da Base Nacional Comum Curricular, e de narrativas paradoxais “como ‘ideologia de gênero’, portanto, envoltos em muita desinformação” (Ibidem, grifo dos autores).

Vale ressaltar que as identidades, na verdade, estão constantemente em transformação, tendo em vista que as relações sociais são perpassadas por inúmeros discursos, representações, símbolos e práticas. É neste processo que os sujeitos se constituem enquanto seres masculinos e femininos, e uma caminhada em que seus lugares sociais se modificam,

assim como seu modo de “estar no mundo”. Concordamos com Louro (1997) quando a autora frisa que tais construções são transitórias, modificando-se historicamente, no que diz respeito ao processo das identidades não apenas sexuais, mas também de raça, classe e étnicas.

4.1 Brinquedos, crianças e identidades

Nesta seção, de maneira geral, procuramos evidenciar como as concepções de gênero foram se construindo em uma lógica dicotômica, ou seja, uma identidade que se contrapõe a outra. Um processo que tende a invisibilizar ou apagar sujeitos sociais que não se encaixam nestes dois paradigmas, excluindo e frustrando em muitos casos homens e mulheres que vivem fora de modelos estabelecidos em uma concepção binária.

A construção destacada acima é geralmente executada por instituições como família, creches e pré-escolas. Segundo Vianna e Finco (2009), estes segmentos acabam por reforçar habilidades específicas para o “masculino” e “feminino”, o que transmite, por conseguinte, expectativas em relação ao tipo de desempenho intelectual que seja considerado mais “adequado”.

Nesse sentido, meninos e meninas recebem uma educação de modo diferente, mesmo que em uma mesma família, como irmãos e irmãs. A diferença neste caso é muito sutil, e ao mesmo tempo muito significativa, ocasionando uma interação distinta entre professorado, familiares e crianças. A partir desta conclusiva, Nascimento (2016) ressalta que é interessante chamar a atenção que o ato de educar possui uma função crucial na formação de cada indivíduo, referente aqui às perspectivas culturais e de gênero, por exemplo, recordando do papel de instituições como a família, a escola e até mesmo a Igreja neste processo.

É no âmbito familiar como destacado acima, que na maioria das vezes são designados os espaços que meninos e meninas devem estar inseridos, as “coisas” de menino ou de menina, assim como as respectivas cores, roupas e, por conseguinte, os brinquedos. Nascimento (2016) ressalta ainda como a escola também realiza este processo, neste caso através de livros didáticos, assim como a postura e a conduta que o professorado muitas vezes adota sobre o sexo ou as “desigualdades” acerca dele.

Outra instituição que desempenhou e ainda realiza um papel importante na constituição de princípios, em que se tem meninos e meninas em papéis antagônicos é a Igreja. Neste caso, Rust (2024) chama a atenção que é necessário recordar que ela se trata de uma entidade, que desde a Idade Média vem forjando como a sociedade se relaciona.

Dessa forma, a Igreja, referindo-se aqui ao que depois se tornaria o cristianismo católico, através das relações sociais, das práticas e o contato com o sagrado construía as maneiras de agir e de pensar, neste quesito podemos relacionar então as formas de como homens e mulheres deveriam se comportar e o que cabia para cada um deles. Além disso, conforme Leandro Rust (2024) aponta, foi papel da Igreja neste momento exercer um poder que indicava intolerância e a ameaça aos regimes democráticos.

Em vista disso, Nascimento (2016) pontua que é importante destacar que a Igreja subsidia a produção e reprodução de valores e até preconceitos, reforçando, por exemplo, a dominação e controle das mulheres. Com este intuito, utiliza-se então ensinamentos conservadores e cheios de estigmas, o que acarreta, em muitos casos, o estímulo ao ódio e a falta de amor entre os indivíduos, tendo em vista que não seriam aceitos/as por não estarem em determinados padrões que estão relacionados às doutrinas mais conservadoras da Igreja.

Pensando nisso, cabe refletir o quanto os adultos esperam que as crianças se portem de maneira “X” ou “Y”. Este trabalho procura justamente tensionar, reflexões como até onde estes hábitos se constroem culturalmente? Como Finco (2003) chama a atenção: Será que nossa sociedade vem se modificando em relação a tais conceitos? A autora provoca a reflexão ainda sobre percebermos o que as crianças nos têm mostrado. É necessário observar o que elas nos ensinam, ao invés de ditar concepções e “caixinhas” já preconcebidas.

Sobre as concepções relatadas acima, é necessário pontuar que a norma cultural que define a existência de brinquedos específicos para meninos e meninas, estaria relacionado diretamente com uma preocupação acerca da futura orientação sexual das crianças e o prévio estabelecimento de papéis de gênero. Assim, concordamos com a autora Finco (2003), pois, o fato de um menino brincar com bonecas ou ainda uma menina com carrinho, necessariamente não significa que sua orientação será homossexual, ou que sua expressão de gênero será alterada pelo estímulo do brinquedo.

A questão destacada acima nos instiga ainda a refletir o quanto projetamos o masculino e feminino inclusive nos processos educacionais. Sobre isso, Finco (2003) evidencia que nas creches e pré-escolas, através de cores, maneira em que se divide meninos e meninas, até nas brincadeiras observamos a forma de evidenciar essas normas culturais. Através do conceito de gênero, temos a possibilidade de problematizar a desconstrução desses antagonismos entre masculino e feminino.

4.2 Papéis de gênero e brinquedos como elemento de formação

O brinquedo que se destina a um gênero específico define o lugar de um indivíduo que está em desenvolvimento. De acordo com Barreto e Silvestri (2006), existe uma cultura resistente, que procura definir o gênero, regula como devem ser os papéis sociais, e por sua vez, apontam os lugares que seriam “adequados”, o que colabora no processo de fortalecimento do preconceito e a discriminação quando se tem, por exemplo, sexualidades dissidentes do modelo hegemônico.

Além disso, a escolha e utilização dos brinquedos abre margem para se refletir sobre outras questões. De acordo com Baliscei e Brasil (2023), a imagem de corpo e aparência, por exemplo, que temos em relação aos bonecos, evidencia a projeção a respeito de poder e a força que se deve ter através do paradigma de corpo masculino. Através da cultura visual no âmbito dos brinquedos, temos a criação de padrões que legitimam o que seria de fato “belo” e “ideal” referente aos corpos, além de delimitar gostos, hábitos e valores como aceitáveis ou não.

Outro exemplo que podemos ressaltar nesta construção de papéis de gêneros, é o uso de brinquedos como as “casinhas”, os jogos de panela, pratos, vassouras e ainda bonecas e bebês similares aos reais. Conforme Nascimento (2016) estes objetos demarcam o modelo estabelecido pelo patriarcado³. Assim, através desta estrutura histórica social, temos a criação de papéis conservadores de gênero, em que essas funções acabam sendo executadas em grande maioria por mulheres, principalmente por mulheres negras, quando consideradas as variáveis raça e gênero no contexto da divisão sexual e racial do trabalho.

Os meninos conforme acima destacamos, exercem funções de poder e ao espaço público e ausente de relação com a paternidade e muito menos com atividades domésticas. Antonia Nascimento aponta ainda que:

Com as meninas, os brinquedos considerados educativos e ofertados tanto na escola quanto pelos pais têm um caráter intimamente relacionado com as tarefas domésticas e atividades ou mesmo profissões extensivas a tais tarefas. Em outras palavras, os brinquedos estão associados à lógica patriarcal que rege a divisão sexual do trabalho e dos brinquedos a ela correlacionados. No caso, os brinquedos considerados de meninas têm um papel representativo na construção de sua identidade e posicionamento na sociedade, tendo em vista que são associados ao cuidado com os filhos e à atividade de dona de casa. Já com relação aos garotos, os brinquedos considerados de “meninos”, como carrinhos, aviões, barquinhos, bonecos heróis e guerreiros, monstrinhos e “jogos eletrizantes” e de raciocínio lógico, são associados à criatividade, à aventura e ao desenvolvimento de habilidades (Nascimento, 2016, p.302).

³ Segundo Saffioti (2015) o patriarcado é um sistema social no qual os homens exercem o domínio e exploram as mulheres, representando uma forma específica das relações de gênero, marcadas por desigualdade de poder. Existente em todos os espaços sociais, tratando-se de uma relação civil e não privada. Essa estrutura se relaciona diretamente às construções sociais de gênero que contém uma divisão do trabalho baseada no sexo. SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Por conseguinte, a compreensão de que cada brinquedo é específico ou não para meninos ou meninas, é proveniente de determinações que ecoam de uma suposta existência da natureza feminina e masculina. Deste modo, ainda conforme Nascimento (2016), submetendo os corpos de crianças em um paradigma de comportamento binário, carregado de apreensões sociais e funções que são entendidas como divididas para homens e mulheres.

Neste caso, quando, por exemplo, os pais proíbem o filho de brincar com bonecas ou panelinhas, temos na mente que permiti-lo brincar com tais objetos seria errado, por conta de não corresponder ao sexo que nasceu. Além disso, caso fosse visto brincando com boneca seria motivo de gozação, questionando a sexualidade do menino, até associando o mesmo a uma possível homossexualidade.

O fato acima ocorre muito por conta das ideias preconcebidas, em que como aponta Nascimento (2016), o masculino é associado somente ao espaço público, seguido de características como a autonomia e autossuficiência, aspectos ligados a uma possível superioridade. Ou seja, brinquedos que instigam o menino a ter força, a saber defender-se, pensar os bonecos de luta, tudo que simboliza as ações externas ao lar.

Já a natureza feminina tem o âmbito doméstico, características maternas que estão associadas ao lar e sua manutenção. Deste modo, um menino brincar com panelas ou bonecas, estaria transgredindo estes papéis de gênero conforme destacamos acima, que são forjados na estrutura do patriarcado. Em vista disso, a menina ao brincar com tais utensílios, já se teria um ensaio para o âmbito do lar, executando a maternagem e sua identidade construída na docilidade e sutileza, para que não haja estranhamentos, quando na fase adulta ela tenha que ser dócil, delicada e gentil diante da subalternidade de caráter patriarcal, a qual está submetida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho procurou analisar como os brinquedos se tornaram objetos identitários e marcadores de gênero, além de refletir acerca da produção de estereótipos presentes no uso dos brinquedos, e por fim, verificar a importância deles na formação de valores, identidade e comportamento das crianças, assim como o desenvolvimento dos papéis de gênero.

Os brinquedos estavam inicialmente associados a elementos religiosos e cerimoniais, ou ligados ao mundo adulto. Com o passar do tempo, temos através do patriarcado, sendo o

mesmo uma estrutura histórica social, influencia a formação de valores tanto identitários quanto sobre os estereótipos de gênero. Neste sentido, os brinquedos acabam por se tornar uma maneira de meninos e meninas se constituírem enquanto futuros adultos.

Os brinquedos que são indicados para meninas, geralmente são associados ao cuidado da casa ou de sua aparência, que deve, aliás, ser impecável, bem como a responsabilização de cuidar dos filhos, o que inclusive não é incentivado aos meninos. Quanto aos brinquedos, temos então fogão, panelinhas, batedeiras, escovas de cabelo e quaisquer itens que se refiram a uma “feminilidade ideal”.

Os meninos, por sua vez, são conduzidos a serem ativos, agressivos e independentes e a vida pública é algo natural para eles. Os carrinhos, por exemplo, induzem ao controle, a direção de suas vidas e de suas esposas e filhos. Conforme discutimos ao longo deste estudo, é preciso quebrar as dualidades compulsórias, tendo em vista que acabam por oportunizar as diferenças pejorativas e o preconceito como uma consequência.

Então, diante do questionamento a respeito das dualidades e o binarismo, é possível apontar que a identidade de gênero não é algo inerte e estanque, sem articulação com os papéis e funções sociais estabelecidos culturalmente. Observamos que principalmente, quando se diz respeito à mulher, o domínio de seu corpo se dá em todos os espaços, conforme foi destacado, instituições como a Família e a Igreja desde seu limiar até mesmo o Estado, segue moldando e ditando um comportamento dito ideal para novas gerações.

Por conseguinte, manusear um brinquedo, um ato tão desprovido de preocupações na maioria das vezes, para as crianças, acaba por ser um destes “moldes”. Este processo que é lúdico e que se estabelece no imaginário da criança perpetua comportamentos, e assim autoriza significações, evidenciando para a criança que apenas aquele “projeto de mundo” é adequado ao seu gênero.

Por conta disso, esta discussão é primordial, não apenas no meio acadêmico, mas que chegue de alguma maneira a família e as crianças, evidenciando ou construindo um “mundo” em que se potencialize as características de meninos e meninas de maneira individual e se permita que a decisão seja das crianças no seu brincar, sem sofrerem represálias por ideias de masculinidades e feminilidades ideais.

O brinquedo evoca significações simbólicas com efeitos, algumas vezes, severos sobre o plano material, ao impor um padrão de comportamento predefinido, sem levar em conta aspectos fundamentais da singularidade de seus usuários. Os cursos de formação docente, sobretudo, no âmbito da Educação Infantil, precisam refletir criticamente sobre essas questões, pois, uma educação como prática da liberdade, não pode ser mera reprodutora de

padrões sociais de comportamento e, com isso, parte constitutiva do aprisionamento das mentes, principalmente infantis, em moldes e papéis de gênero, muitas vezes definidos pela indústria cultural, com vistas à produção de lucro, ou por preceitos opressores.

REFERÊNCIAS:

ATZINGEN, Maria Cristina Von. **História do brinquedo**: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2001.

BARRETO, Flavia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. **Relações dialógicas interculturais**: brinquedos e gênero. 28ª Reunião da Anped. GE : gênero, sexualidade e educação, n.23, 2006. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/textos/ge23/ge23943int.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2023.

BALISCEI, João Paulo; DOS SANTOS BRASIL, Bruna. Brinquedos não têm gênero: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 26, n. 48, 2023. DOI: 10.36704/eef.v26i48.7141. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/7141>. Acesso em: 08 jan. 2025.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. 4. ed. São Paulo: Summus, 1984. 117 p. (Novas buscas em educação; v.17). ISBN 8532301711

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010. Coleção Questões da Nossa Época. v. 20.

BUJES, Maria. Isabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, M. V. (org.). **Estudos culturais em educação**: mídias, arquitetura, brinquedo, biologia. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000a. p. 205-228.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 3, p. 89–101, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 12. jul. 2023.

GARON, Denise. Classificação e análise de materiais lúdicos: o sistema ESAR. In: Friedman, A. et al. **O direito de brincar**: a brinquedoteca. 4. ed. São Paulo: Scritta, 1998. p. 171-182.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.); BOMTEMPO, Edda et al. (...). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2011. 203 p. ISBN 8524906170

LAKATOS, Eva. Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed.São Paulo: Atlas, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

MINAYO, Maria. Cecília. S.; DESLANDES, Sueli. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1999.

NASCIMENTO, Antônia Camila de Oliveira. A influência da ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, [S. l.], v. 14, n. 37, 2016. DOI: 10.12957/rep.2016.25399 . Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/25399> . Acesso em: 07 jan. 2025.

PACKARD, Vance. **Estratégia do desperdício**. São Paulo: Ibrasa, 1965.

RUST, Leandro Duarte. **Igreja medieval**. São Paulo: Contexto, 2024.

SANTOS, Ananda Maria Oliveira dos; SANTOS, Mônica Regina Nascimento dos. **O lugar do brinquedo na formação de valores e comportamentos socioculturais das crianças**. I Seminário Internacional e IV Nacional do NUDES: Educação, Diversidade e Direitos Humanos: equidade na diversidade, Delmiro Gouveia, 2024.

SANTOS, Ananda Maria Oliveira dos; LIMA, Maria Gabriela da Silva; ARAÚJO, Guilherme Tavares de Mendonça Farias e. **GÊNERO E SEXUALIDADE NA BNCC: entre padronizações e apagamentos**. IX SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, O curso de Pedagogia e as políticas curriculares: desafios e resistências, Maceió, 2022.

VIANNA, Claudia Pereira e FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação: uma questão de poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 33, p.265-283, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010> . Acesso em: 14 ago. 2024.

COMPROVANTE DE SUBMISSÃO OU APROVAÇÃO DO ARTIGO Pro-Posições Início Autor

Confirmação da submissão

 imprimir

Obrigado pela sua submissão

Submetido para
Pro-Posições

ID do manuscrito
PP-2025-0023

Título
ENTRE O BRINCAR E O INTERAGIR: um estudo bibliográfico acerca dos brinquedos enquanto marcadores de gênero

Autores
Santos, Ananda Maria
Santos, Mônica Regina

Data da submissão
10-abr-2025

COMPROVANTE DA PÁGINA VIRTUAL (SITE) DA REVISTA COM SEU NÚMERO INSS ÁREAS, FOCO OU ESCOPO PUBLICAÇÃO MESMA

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas - Sistema de Bibliotecas

Português (Brasil) +

Blog PPEC Acesso

Pro-Posições

SOBRE +

EDIÇÕES +

INDEXADORES +

NOTÍCIAS

ARTIGO + LIDOS

OUTROS PERIÓDICOS

BUSCAR

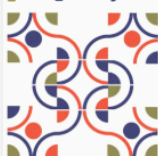
Edição Atual

v. 36 (2025)

Publicado em fevereiro 12, 2025

pro-posições

pro-posições



Escopo: Pro-Posições é um fórum para a apresentação e discussão de novas pesquisas e abordagens teóricas que, independentemente da área de conhecimento, contribuam para a reflexão crítica sobre as várias dimensões da Educação. A revista acolhe a produção original do campo e publica artigos em diferentes formatos, gêneros e estilos. O periódico ocupa uma posição consolidada como uma das principais publicações na área das Ciências da Educação, atingindo significativa variedade temática e conceitual e oferecendo um amplo escopo internacional, apoiado por seu corpo



tweet



compartilhar



compartilhar



mail

Signatário



Edição Atual



Palavras-chave

1954-1973 - escola
autismo garotas
diversa e pose



Pro-Posições, Campinas (SP) - ISSN 1980-6248.

Universidade Estadual de Campinas

Sistema de Bibliotecas / Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 - 1º andar - Biblioteca Central César Lattes

13089-859 - Campinas - SP

Platform &
workflow by
OJS / PKP



3 Manchete sobre...
China promete a...



Pesquisar



16:49
28/04/2025